



Contabilidade Vista & Revista

ISSN: 0103-734X

contabilidadevistaerevista@face.ufmg.br

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Corrêa Marcal, Juliane  
Educação do futuro: propostas e desafios  
Contabilidade Vista & Revista, vol. 14, novembro, 2003, pp. 31-34  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=197018194005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Educação do futuro: propostas e desafios

Juliane Corrêa Marçal <sup>1</sup>

Palestra proferida no 1º Encontro Mineiro de  
Professores do Curso de Ciências Contábeis

Para iniciar essa apresentação sobre a Educação do Futuro é necessário refletir sobre algumas questões básicas, como : o que é mudança? quando mudamos? Convido a todos a realizar um percurso que nos leva a indagar sobre essas questões, a investir na análise do nosso cotidiano de vida no que se refere ao passado, presente e futuro.

Ao analisarmos o passado, necessariamente iremos deparar com as nossas concepções de tempo, espaço e, conseqüentemente com nossas práticas do olhar. Essas concepções marcam nossa forma de relacionar com o mundo, com as pessoas e conosco mesmo. Por isso gostaria que fosse possível refletir sobre: quanto tempo existe em dez minutos? Que espaço, de fato, você habita? Qual sua forma de olhar o mundo? Sabemos que essas marcas que carregamos são fruto de um processo histórico de construção do ser humano, de construção de mecanismos que permitem a orientação no mundo e a convivência com outros seres humanos. É possível recuperar uma série de tecnologias construídas para a medição do tempo, assim como de produções literárias que nos remetem aos espaços possíveis para a existência humana. É importante destacar o papel da perspectiva no direcionamento do olhar, no ordenamento dos espaços e das hierarquias. Definindo, assim, práticas do olhar que se fazem presentes ainda hoje nas nossas maneiras de ocupar o espaço físico que nos cerca e o espaço virtual que a cada dia expande.

Embora tenhamos várias linguagens que possibilitam a transmissão de informações como, por exemplo, a mandala, os hexagramas, as imagens, na nossa cultura ocidental prepondera a escrita alfabética. No nosso cotidiano identificamos práticas de leitura e escrita, ou seja, determinadas formas de acessar a informação e de estabelecer a comunicação marcadas por processos individualizados de leitura e com uma grande ênfase na leitura silenciosa.

---

<sup>1</sup> Doutora em Tecnologia Educacional- FE/Unicamp

Essas práticas que remontam a história de nossa civilização se fazem presentes nas nossas redes cotidianas de trabalho, nos nossos processos de aprendizagem e, principalmente na constituição de contextos colaborativos de aprendizagem. Podemos observar que em nossas redes cotidianas de trabalho prepondera:

- a) cultura individualista ao invés de colaborativa;
- b) relações hierarquizadas/organização social piramidal;
- c) determinismo tecnológico (visão tecnofílica ou tecnofóbica);
- d) dilemas profissionais e institucionais;
- e) precarização das condições de trabalho;
- f) práticas educativas excludentes.

Essa tessitura de nossa rede de trabalho dificulta a vivência de processos significativos de aprendizagem, os quais implicariam em:

- a) dar sentido ao que fazemos;
- b) incorporar novos sentidos à cultura;
- c) compartilhar o meu sentido;
- d) compreender a falta de sentido;
- e) relacionar e contextualizar experiências;
- f) relacionar e contextualizar discursos;
- g) impregnar de sentido a vida cotidiana.

De modo que ao incorporarmos esses elementos, ao compartilhar o significado da tarefa proposta, teríamos a constituição de um contexto colaborativo de aprendizagem. E para sua efetivação seria necessário: estabelecer consenso sobre as formas de trabalho, estabelecer acordos sobre as responsabilidades, as disponibilidades e os compromissos individuais e de grupo, o que implica numa permanente negociação de processos e significados.

Frente as questões colocadas acima temos um grande desafio que consiste na formação docente, tanto inicial quanto continuada. Pois, hoje, na formação inicial procuramos considerar a aprendizagem autônoma, as múltiplas formas de representação do conhecimento, a realidade complexa e a busca de contextos realistas e relevantes para o processo de produção do conhecimento.

Na formação continuada consideramos as transformações ocorridas na organização do trabalho docente, a necessidade de novas competências, a existência de dilemas cotidianos que o profissional precisa responder e a busca de ações propositivas, coletivas coerentes com práticas educativas inclusivas. Ainda nesse contexto de formação temos

utilizado a modalidade de educação a distância por possibilitar a mediação entre alunos e docentes independente da necessidade de um mesmo tempo e espaço. O que possibilita um processo de democratização do ensino e de socialização de informações para determinados grupos de profissionais que não teriam acesso na forma regular de ensino. Na Educação a distância temos vários modelos e concepções, em nosso debate gostaria de destacar dois paradigmas, o primeiro referente ao modelo fordista cuja ênfase está na produção em massa do material instrucional e o segundo, ao modelo pós-fordista que privilegia o desenvolvimento de processos de ensino aprendizagem mais flexíveis e abertos.

Além do desafio quanto a formação docente, temos o desafio decorrente de nossas concepções de tecnologia, pois para a adequada utilização das diversas tecnologias educacionais temos que rever os paradigmas educacionais e comunicacionais que estão subjacentes a cada uma delas, desenvolvendo assim uma análise crítica quanto ao uso das novas tecnologias da informação e da comunicação. De tal forma que temos que estar atentos a visão tecnofóbica, que apresenta uma aversão a máquina, como se esta fosse substituir o humano, e a visão tecnofílica, que apresenta um endeusamento da máquina como se ela fosse capaz de resolver todos os males da educação. Ambas posições partem da visão de tecnologia apenas como máquina, como artefato, desconsiderando que estas constituem extensões de processos humanos, sociais. Com isso desconsideramos que "As escolas lidam com manuais, livros-textos e guias de estudo há muito tempo. Estes materiais impressos estão tão incorporados à cultura escolar que até deixam de ser considerados tecnologia."

Portanto, para uma análise crítica das novas tecnologias da informação e comunicação temos que partir de alguns pressupostos:

- a) melhores recursos não implicam melhores aprendizagens;
- b) inovações tecnológicas não implicam inovações pedagógicas;
- c) todo projeto educativo se fundamenta em paradigmas comunicacionais e educacionais.

O que implica rever o vínculo entre educação e comunicação de modo a romper com a lógica transmissiva de ensino e com a lógica unidirecional de comunicação, assim como considerar que o uso das Novas tecnologias deve partir de cada contexto institucional, do seu projeto educativo, das redes cotidianas de trabalho e dos dilemas profissionais vivenciados por aqueles que ali estão inseridos.

Para enfrentar esses desafios destacados podemos visualizar algumas propostas como a necessidade de identificar as características sociocognitivas do grupo de trabalho, proporcionar estratégias de orga-

nização, tanto do conhecimento pessoal quanto social, proporcionar estratégias comunicativas e favorecer a inclusão social, rompendo com as distâncias cotidianas.

Bem sabemos que para a construção desse futuro necessitamos de um paradigma que permita "...aprender a construir e comparar novas estratégias de ação, novas teorias, novos modos de enfrentar e definir os problemas." E que considere a educação como "... um diálogo aberto do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com os instrumentos oferecidos pela cultura e pelo ambiente."

Para isso buscamos a abordagem eco-sistêmica que compreende que vida, experiência e aprendizagem estão entrelaçadas em nossa corporeidade, apoiada no pensamento sistêmico, complexo, dialógico e transdisciplinar. Nessa abordagem o ambiente de aprendizagem é aquele algo maior que envolve o indivíduo, que pode ser um envoltório material ou um campo energético onde ocorrem as trocas energéticas, materiais e informacionais. Sendo assim: somos o que são os nossos fluxos, em termos de matéria, energia e informação. Considera o mundo vivo como uma rede de relações ou de conexões dinâmicas, tudo o que existe, co-existe e nada existe fora de suas conexões e relações. Portanto: nada está separado de nada.

Temos assim a construção de uma

*[...] educação centrada no sujeito coletivo, que reconhece a importância do outro, a existência de processos coletivos de construção do saber e a relevância de se criar ambientes de aprendizagem que forneçam o desenvolvimento do conhecimento interdisciplinar.*  
(MORAES, Maria Cândida)

É claro, que nesse caso temos o desafio de constituir uma nova comunidade de aprendizagem que implica no rompimento de barreiras temporais e espaciais, ao mesmo tempo na superação de barreiras disciplinares e curriculares. Esse trabalho em rede, por sua vez, exige novos tipos de espacialidade e temporalidade, novas formas de leitura e escrita. Temos que romper com o tempo/espaço escolar, com o pensamento disciplinar, hierárquico, de causalidade linear, adequando a prática docente ao processo evolutivo da ciência (teorias biológicas, complexidade, física quântica) que reflete na filosofia da ciência e na educação. Temos que desenvolver novas práticas de leitura, novas práticas de escrita e novas práticas do olhar.

Na verdade o nosso maior desafio educacional é muito velho, que consiste em investir na formação humana, em humanizar o humano, em nos humanizar a cada dia da nossa prática educativa. Obrigada.